



CNPq comemora 60 anos com o lançamento de prêmios e a entrega de títulos honoríficos

No dia 27 de abril, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq/MCT) comemorou seu aniversário de 60 anos. A solenidade que aconteceu no Teatro Nacional Cláudio Santoro, em Brasília, contou com a presença de inúmeras autoridades, cientistas, políticos e funcionários.

Durante a cerimônia, o presidente do CNPq, Glaucius Oliva, traçou um panorama sobre a contribuição do Conselho, que ao longo destes 60 anos teve papel central no estabelecimento e consolidação da ciência brasileira, bem como sobre as perspectivas para o futuro. “A nova ciência brasileira exige mais atenção às demandas da sociedade. Vivemos a economia do Conhecimento e a ciência brasileira não pode deixar de aprofundar seu compromisso com o desenvolvimento econômico e social do país, o que requer instrumentos mais eficientes de estímulo à inovação, tanto no ambiente acadêmico, como também

e principalmente, nas empresas”, ressaltou.

O ministro da Ciência e Tecnologia, Aloizio Mercadante, destacou durante a cerimônia que apesar dos grandes avanços alcançados pelo Brasil, estimulados principalmente pela área de C&T, o país precisa superar muitos desafios. “Precisamos ter visão de futuro. E para isso é necessário inovar mais, já que hoje nossas empresas não investem o suficiente em inovação, é preciso que o setor privado dialogue mais com a academia, que o país invista em uma educação de qualidade e reduza as desigualdades regionais”, pontuou.

Prêmios

Durante as comemorações ocorreu o lançamento da XXV edição do Prêmio Jovem Cientista com o tema “Cidades Sustentáveis”. Outra novidade foi o lançamento da 1ª edição do Prêmio de

Fotografia Ciência e Arte, voltado para a comunidade acadêmica e científica, que pretende fomentar a produção de imagens com a temática de C,T&I para criar um banco de imagens e o anuário brasileiro da fotografia científica.

Homenagens

Os ex-presidentes Carlos Alberto Aragão de Carvalho Filho; Erney Felício Plessmann Camargo; Esper Abrão Cavalheiro; Evando Mirra de Paula e Silva; Gehard Jacob; José Dion de Melo Teles; Lindolpho de Carvalho Dias; Marco Antonio Zago; Maurício Matos Peixoto e Roberto Figueira Santos receberam troféu comemorativo aos 60 anos do Conselho. O professor Lynaldo Cavalcanti, falecido em janeiro deste ano, recebeu homenagem póstuma.

Honrarias

Durante a cerimônia aconteceu a outorga do título de Pesquisador Emérito e Menção Especial de Agradecimento aos cinco agraciados de 2011. O sociólogo Gabriel Cohn, o engenheiro Evando Mirra de Paula e Silva e o médico Zilton de Araújo Andrade receberam o título de Pesquisador Emérito. Já a Fundação Conrado Wessel (FCW) e a Secretaria de Política para as Mulheres (SPM) receberam a Menção Especial de Agradecimento da agência.

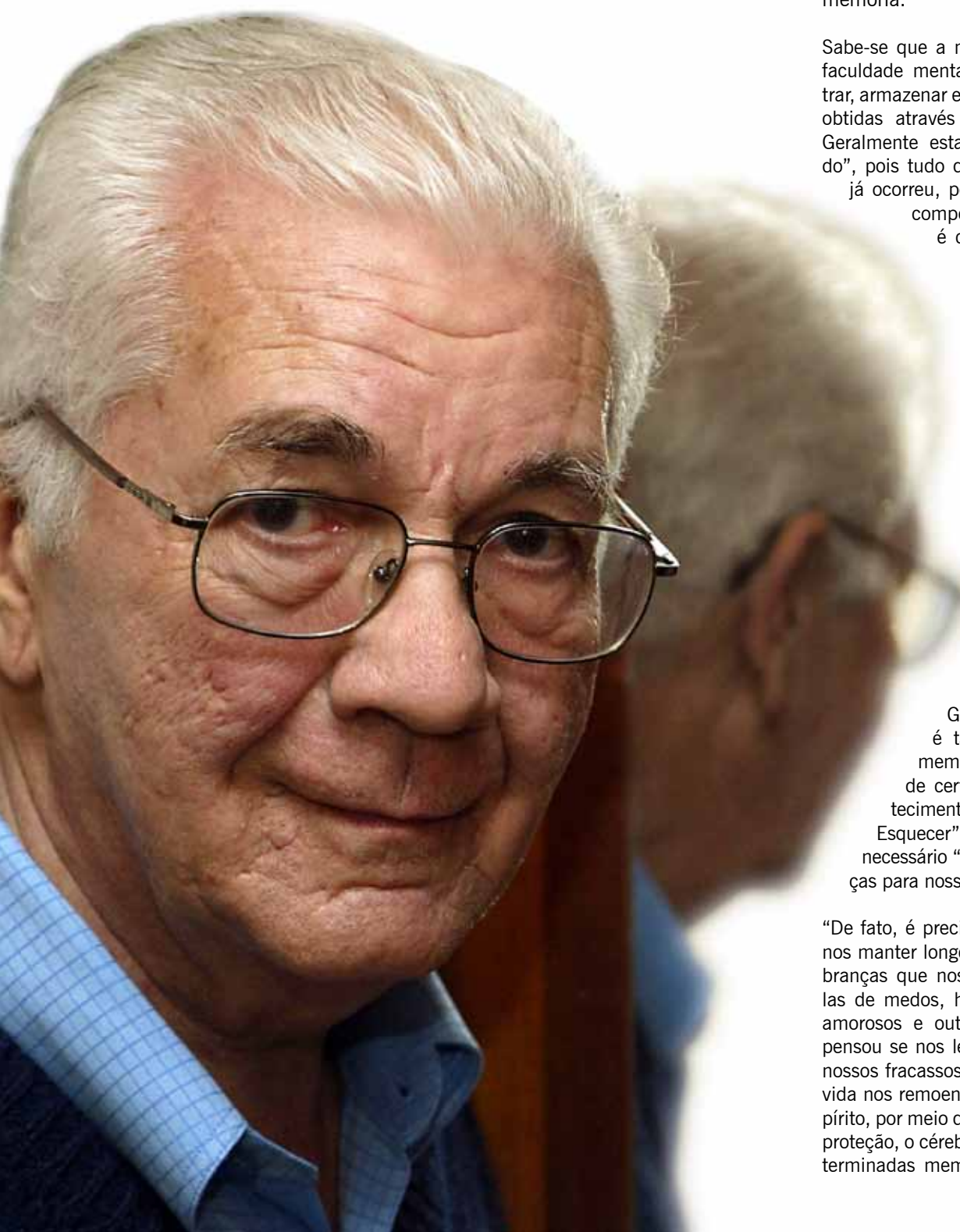
Selo de qualidade

Para homenagear o aniversário da agência, o Ministério das Comunicações e a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos lançaram o selo personalizado e o carimbo comemorativo alusivos aos 60 anos do CNPq. ●



Somos aquilo que recordamos e também.. o que esquecemos

O neurocientista Iván Izquierdo, ganhador do Prêmio Almirante Álvaro Alberto do CNPq, afirma que excesso de informações e ruídos da nossa sociedade vem afetando a saúde mental.



Por que precisamos inibir ou esquecer certas lembranças para poder viver bem? Nossa capacidade de armazenar memórias é saturável ou não? E por que muitas vezes temos dificuldade de lembrar coisas consideradas importantes, mas memorizamos com certa facilidade piadas, banalidades e músicas que nem gostaríamos de lembrar? Decidido a desvendar estes e outros tantos mistérios da biologia da memória, o neurologista Iván Izquierdo, reconhecido como um dos maiores pesquisadores do mundo nesta área, vem desenvolvendo há mais de 45 anos, estudos científicos com o intuito de entender como funcionam os mecanismos deste complexo labirinto da memória.

Sabe-se que a memória é uma intrigante faculdade mental que nos permite registrar, armazenar e manipular as informações obtidas através de experiências vividas. Geralmente esta nos remete ao “passado”, pois tudo que faz parte da memória já ocorreu, porém a memória também compõe o nosso presente, pois é com esta capacidade que interagimos com o mundo e com os outros. Sem esta função nós não iríamos identificar nada, ou melhor, não teríamos sequer noção de identidade, já que para saber o que somos é preciso saber o que fomos.

Esquecer para viver

Para o especialista Iván Antônio Izquierdo, coordenador do Centro de Pesquisas da Memória da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, a memória é tão imprescindível ao homem quanto o esquecimento de certos dados, fatos ou acontecimentos. Em seu livro “A Arte de Esquecer”, o pesquisador pontua ser necessário “apagar” algumas lembranças para nosso bem estar.

“De fato, é preciso esquecer, ou pelo menos manter longe da evocação certas lembranças que nos perturbam, como aquelas de medos, humilhações, desencantos amorosos e outros maus momentos. Já pensou se nos lembrássemos de todos os nossos fracassos? Passaríamos metade da vida nos remoendo. Para nossa paz de espírito, por meio de um mecanismo de auto-proteção, o cérebro simplesmente inibe determinadas memórias, um fenômeno que

os psicanalistas chamam de repressão. E isso ocorre o tempo todo, mesmo sem percebermos”, afirma.

O cérebro humano, apesar de ser fantástico processa e armazena informações de forma limitada. Para reter novos dados a mente precisa de intervalos de descanso e também deixar de lado memórias supérfluas. Seria incrível caso nos lembrássemos de cada palavra, som, gesto, imagem, cheiro ou cada sensação que passa ao longo das nossas vidas, porém nosso cérebro não consegue armazenar tantos dados assim.

Para Izquierdo, a arte de esquecer é um dos fenômenos mais importantes da memória, já que possibilita a mente abrir novas janelas para abarcar mais informações. “Se nos lembrássemos de tudo, não teríamos como lembrar ou aprender coisas novas, já que existem memórias que nos impedem de adquirir outras novas ou lembrar de outras antigas, mais importantes, por isso é preciso que a mente elimine lembranças consideradas desnecessárias ou reprimir algumas delas”, afirma.

O pesquisador pontua ainda a importância dos intervalos de descanso da mente para recompor a capacidade de absorção do conhecimento. “Sabe-se que o ser humano apresenta oscilações em sua capacidade de atenção, cujas ondas duram aproximadamente noventa minutos. Logo após absorver um certo número de informações consecutivas, dependendo da densidade, precisamos de um descanso para metabolizar tais dados”, ressalta.

Emoção e suas marcas

Todo mundo se lembra do que estava fazendo quando morreu Ayrton Senna, mas porque será que ninguém se lembra do que fazia algumas horas antes do ocorrido? Provavelmente as pessoas se recordam do momento porque se emocionaram com o infeliz fato, mas não se lembram do que fizeram horas antes da morte, pois estas lembranças não tocaram seus sentimentos. O neurocientista explica que isto ocorre, pois a memória fixa muito melhor emoções do que fatos, já que as vias nervosas são extraordinariamente reguladas por emoções e sentimentos.

“A emoção é acompanhada pela descarga de dopamina e de noradrenalina em certos lugares do cérebro, que se incorporam na memória. Então, toda a vez que, por algum motivo, essas substâncias forem liberadas e se mantiverem no cérebro, a tendência é lembrar de coisas que apreendemos sob a influência delas”. Segundo ele, é por este motivo que memorizamos com maior facilidade assuntos que gostamos,

recordações que mexem com as nossas emoções, ou mesmo besteiras que nos chocam. “Uma besteira apreendida sob emoção será melhor lembrada que uma genialidade apreendida com indiferença”, declara Izquierdo.

Mundo esquizofrênico

Por mais que a memória humana seja muito ampla e resistente, o especialista afirma que a nossa memória atualmente trabalha no limite, principalmente por causa do excesso de informações e ruídos da nossa sociedade. “Há 90 anos, o fundador da Neurociência moderna, Santiago Ramon y Cajal já se queixava que o excesso de estímulos e de informação tornava a vida difícil e em pouco tempo a tornariam impossível, pelas rádios a galena, os carros, os ônibus e seu barulho, etc. Noventa anos se passaram e hoje estamos vivendo no meio da balbúrdia generalizada, somos bombardeados por informações, vindas da televisão, dos aviões, computadores, ipod, ipad e outras coisas mil. Até agora não chegamos ao limite do que nossa memória de trabalho pode suportar, porém já percebemos que todo este ruído vem afetando e muito nossa saúde mental”, diz.

Em seu livro “Silêncio, por Favor”, Izquierdo defende a necessidade de escapar muitas vezes deste ambiente cheio de ruídos para conseguir pensar e articular-se com profundidade. “O ruído não é só auditivo, é visual, linguístico e multisensorial. O ruído não nos deixa distinguir os sinais que realmente nos interessam e por isso nos incomoda. Afirmando que não são os estímulos em si que nos perturbam, pois os

humanos estão ai para receber, analisar, filtrar e guardar informações, o problema é que estamos construindo um mundo no qual o principal hoje é o ruído e não os sinais”.

Para ele, as pessoas vêm absorvendo desenfreadamente tantos códigos, valores, ícones e imagens que acabam por não conseguir pensar com profundidade em quase nada, o que atrapalha paralelamente a memorização, a percepção e a sensibilidade. Nesse sentido, Izquierdo afirma que é preciso selecionar os sinais em meio a tantos ruídos, que só poluem nossa mente. “Temos que discriminar informação de ruído, separar o joio do trigo, tanto para evitarmos absorver coisas que não valem a pena ser evocadas, saturando o cérebro de mediocridades, como também obtermos mais qualidade de vida, já que teremos mais tempo para fazer o que realmente importa, como, por exemplo, amar, pensar, ser nós mesmos”, finaliza.

Ivan Izquierdo

Autor de 11 obras e mais de 600 artigos científicos sobre a biologia da memória, Izquierdo foi agraciado este ano com a mais importante honraria em ciência e tecnologia do Brasil, o Prêmio Almirante Álvaro Alberto para Ciência e Tecnologia. Médico e pesquisador argentino, Izquierdo obteve nacionalidade brasileira em 1981, e fez grandes descobertas, como os principais mecanismos moleculares da formação, evocação, persistência e extinção das memórias, a dependência de estado endógena, a separação funcional entre as memórias de curta duração e longa duração. ●



Reconfiguração Estratégica do CNPq

Ao completar 60 anos a agência repensa seu papel no SNCTI e para o desenvolvimento social e econômico do Brasil

O atual Sistema Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação (SNCTI) traz como grande desafio o maior compromisso com o desenvolvimento econômico e social do país, apresentando características que demandam um redesenho do seu modelo de governança e a implantação de mecanismos de gestão cada vez mais flexíveis e eficientes. Para atender essa necessidade, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq/MCT), em parceria com o Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE), desenvolve, desde o final de 2010, um Plano de Reconfiguração Estratégica do CNPq. A ideia é olhar para os próximos dez anos e posicionar a instituição no cenário de Ciência e Tecnologia.

Para o presidente do CNPq, Glaucius Oliva, entre outras tarefas o projeto pretende reformular os procedimentos de avaliação e acompanhamento de forma a privilegiar a qualidade da ciência que fazemos no país. “Promover a inovação e a multidisciplinaridade, com foco nos grandes desafios nacionais é uma prioridade. Temos plena consciência de que os critérios de avaliação de projetos e pessoas adotados pelo sistema delinea a produção científica e tecnológica resultante. É preciso rever estes procedimentos, adequados para as necessidades de crescimento nas décadas passadas, mas que hoje representam amarras à produção científica de maior qualidade e impacto”, destaca.

Para a chefe da Assessoria de Planejamento do CNPq, Rita Scardine, é necessário repensar o papel de cada ator do SNCTI, “precisamos buscar uma atuação que olhe para as diferentes variáveis e atores no sentido de somar forças e otimizar as competências e os recursos necessários à formulação de políticas estruturais e à execução dos planos, programas e ações delas resultantes. O Plano de Reconfiguração Estratégica do CNPq surge nesse contexto, com o objetivo de sistematizar uma ampla reflexão do Conselho sobre o seu papel no Sistema”, esclarece.

A consulta eletrônica é uma das etapas do Plano de Reconfiguração Estratégica

do CNPq. Um questionário, enviado a mais de 40 mil representantes do SNCTI, busca obter a percepção desses atores em relação ao papel da agência no cenário atual e futuro da CT&I. “Essa consulta tem como objetivo colher e incorporar ao trabalho as opiniões e sugestões dos servidores do CNPq, pesquisadores que interagem com a instituição com regularidade, participantes de Comitês, gestores de CT&I e parceiros do Sistema” afirma Scardine.

Etapas

O trabalho será desenvolvido em três etapas. A primeira está voltada para a coleta de informações a partir de diferentes métodos e técnicas como a formação de grupos de trabalhos para discutir os temas considerados relevantes, positions papers encomendados a especialistas nacionais e internacionais, além de consultas estruturadas pela internet, entrevistas a autoridades governamentais, personalidades acadêmicas e empresariais e lideranças do SNCTI. Uma segunda etapa irá consolidar as informações obtidas e sistematizar uma ampla discussão com os servidores do CNPq e stakeholders, visando identificar e validar elementos para construção de uma visão de futuro para o CNPq.

A última etapa vai construir as rotas estratégicas que irão orientar a Reconfiguração Estratégica do Conselho e o implemento dos Planos de Ação. Uma análise dos impactos cruzados dos elementos de rota, feita com essa finalidade, conseguirá viabilizar a construção de estratégias e a identificação das diretrizes que vão orientar a formulação dos Planos de Ação. ●



EXPEDIENTE

Ministro da Ciência e Tecnologia
Aloizio Mercadante

Presidente do CNPq
Glaucius Oliva

Diretor de Cooperação Institucional
Manoel Barral Neto

Diretor de Gestão e Tec. da Inf.
Ernesto Costa de Paula

Diretor de Eng., Ciênc. Exatas e Hum. e Soc.
Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo

Diretor de Ciênc. Agrárias, Biol. e da Saúde
Paulo Sérgio Lacerda Beirão

Conhecimento  para o Brasil
Desenvolvimento

Publicação do CNPq – distribuição gratuita

Jornalista responsável: Adriana Carvalho (MTB 7955/DF)

Reportagem: Brunna Guimarães (MTB 9010/DF)

Estagiário: Dimitri Alexandre

Projeto gráfico: Gustavo Lacombe

Diagramação: Gustavo Lacombe

Impressão: Gráfica e Editora Positiva

Tiragem: 2 mil



Ministério da
Ciência e Tecnologia

